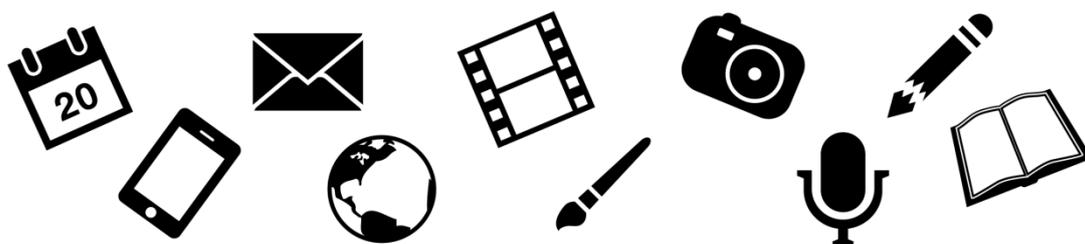




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

10 e 11 de maio de 2014

Diário Catarinense
Cultura
"Por um Iraque diplomático"

Por um Iraque diplomático / Entrevista / Lançamento / Editora da UFSC / Iraque dos
Primórdios à Procura de um Destino / Embaixador / Bernardo de Azevedo Brito /
Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

Cultura



Mulheres iraquianas fazem o sinal da vitória com os dedos manchados de tinta: primeira eleição parlamentar desde a saída das tropas norte-americanas

SADY HORN, AFP

Por um Iraque diplomático



Iraque - dos Primórdios à Procura de um Destino
Lançamento Editora da UFSC
376 páginas, R\$ 34 (preço médio)

FABIANO MORAES

fabiano.moraes@diario.com.br

— Um diplomata é, antes de tudo, um negociador.

A definição de Bernardo de Azevedo Brito é precisa. Aos 78 anos, aprimorou o talento para negociar em mais de meio século de prática como diplomata graduado pelo Itamaraty. Filho de um médico, professor da antiga Faculdade do Brasil — hoje Federal do Rio de Janeiro —, nasceu no Rio, mas preservou a fala pausada, provável herança familiar do sul de Minas Gerais. O jeito mineiro, entretanto, não o impediu de ser escalado para atuar em áreas de conflito na África e no Oriente Médio. Azevedo Brito tentou seu dom de mediador por 11 anos no continente africano, ao abrir as embaixadas brasileiras na Zâmbia e no Zimbábue. Já no final da carreira, comandou a reabertura do escritório diplomático na Palestina e da Embaixada Brasileira em Bagdá em 2006.

Em um raciocínio reverso, típico da lógica de um prodígio aprovado no difícil Instituto Rio Branco — escola formadora de diplomatas no Brasil que tem a razão de 230 candidatos por vaga —, a característica pessoal pode ter sido determinante para o sucesso. Vestindo terno e gravata, o embaixador, hoje aposentado, recebeu a reportagem da Cultura para uma entrevista em seu apartamento em Florianópolis — por recomendação do Itamaraty, a localização do imóvel não pode ser informada com precisão.

A conversa foi sobre o livro Iraque — dos Primórdios à Procura de um Destino, recém-lançado pela Editora da UFSC, as relações econômicas do Brasil com o Oriente Médio e a crise na Ucrânia. Mas o bate-papo serviu sobretudo para apresentar esse trabalho pouco conhecido e ainda cercado por alguma mistificação.



O embaixador Bernardo de Azevedo Brito em sua casa, em Florianópolis: "A economia do Iraque está em plena expansão"



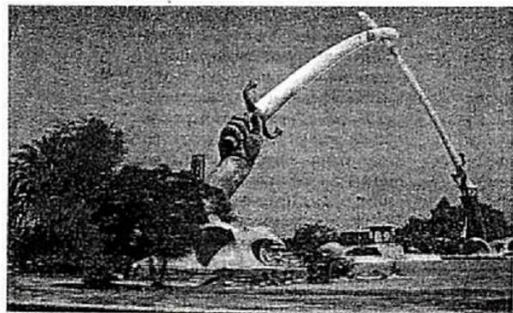
Montanhas do Curdistão, localizadas no norte do Iraque



Apresentação de músicos infantis em Erbil, no Curdistão



O embaixador em visita às montanhas do Curdistão



Portal por onde passavam as tropas do exército de Saddam Hussein durante os desfiles cívicos em Bagdá

Como foi a escolha pela profissão?

Resolvi seguir a carreira de diplomata a partir da leitura de um livro que narra a trajetória de Benjamin Disraeli. Ele, por meio da diplomacia, teve grandes êxitos para o seu país. Aquilo me impressionou. Pensei: "Esta é uma maneira positiva de dar uma contribuição à sociedade". Entrei no Instituto Rio Branco com idade mínima, aos 20 anos. Fiz serviço militar, servi à Marinha porque gosto do mar – por isso estou morando em Florianópolis. O mar sempre esteve perto da minha vida.

BENJAMIN DISRAELI (1804-1881)

Escritor e político britânico, primeiro-ministro do Reino Unido. Em 1874 realizou reformas alinhadas com uma política expansionista e imperialista, contribuindo para a grandeur e o poder do império britânico.

O senhor atuou em zonas de conflito e o Itamaraty o considera um dos diplomatas mais experientes do país. Como construiu a carreira?

Minha carreira tem mais de meio século. Vai de 1958 a outubro de 2011. Comecei atuando nos países nórdicos e estive por 11 anos na África. No continente africano tive contato com gigantes da independência (faz referência a Julius Nyerere). Abri as embaixadas na Zâmbia, no Zimbábue, depois na Namíbia. Fui vice-diretor e depois diretor executivo do Programa Mundial de Alimentos, braço de ajuda alimentar da ONU (Organização das Nações Unidas). Atuei também por sete anos na área econômica da organização. No final da carreira, fui para o Oriente Médio. Reabri o escritório na Palestina e a Embaixada Brasileira em Bagdá em 2006.

JULIUS KAMBARAGE NYERERE (1922-1999)

Primeiro tanzaniano a estudar em uma universidade britânica (estudou História e Economia Política) e o segundo de seu país a completar grau universitário fora da África. Conduziu a união política entre Tanganica e Zanzibar, que levou à constituição da República Unida da Tanzânia em 1964.

O senhor fala com entusiasmo sobre o trabalho diplomático na África.

Tenho saudade dos meus anos de África. Nós estávamos numa cunha entre Angola, em guerra civil, Moçambique, também em guerra civil, e a África do Sul ainda sob um regime de minoria branca. Curiosamente, quando eu estava lá, havia muitas dúvidas em relação ao futuro do continente do ponto de vista econômico. Hoje está se confirmando que o destino da África é de progresso. Ainda há problemas, mas a África está em uma situação positiva.

Reabrir os escritórios diplomáticos no Oriente Médio deve ter sido um desafio.

Foi interessante. Já não era jovem, tinha aberto nossa representação na Palestina, em Ramallah. Tínhamos embaixada em Tel Aviv, em Israel, mas não uma representação entre os palestinos. Havia a necessidade de equilibrar um pouco as coisas. Foi o que eu fiz.

Qual o momento mais tenso enfrentado pelo senhor em Bagdá?

A reabertura da embaixada foi em agosto de 2006, e a invasão norte-americana havia sido em março de 2003. Está-

vamos ali em uma situação muito tensa. A embaixada havia sido fechada em 1991, na época da invasão do Kuwait. Foi reaberta primeiro com um núcleo em Amã, e a embaixada propriamente dita, em Bagdá. Eu fazia idas e vindas entre um lugar e outro. O processo de instalação em Bagdá, quando não tínhamos as proteções no edifício, foi difícil. Eram explosões, misséis que não se sabia onde iriam cair... Mas foram situações raras. O risco havia, mas eu estou aqui, aos 78 anos e em boa saúde (risos). Havia também a dificuldade de se conseguir colaboradores que aceitassem colocar os pés em Bagdá.

Em 1985, o comércio entre o Brasil e o Iraque chegou a US\$ 2,5 bilhões, mas caiu após a Guerra do Golfo (1991), quando o Brasil fechou sua embaixada no país. A reabertura mostra que há interesse. Qual é a estratégia?

Nos anos 1980 tínhamos dependência do petróleo iraquiano – coisa que não temos mais. Tínhamos uma indústria que competia. Grandes obras haviam sido feitas por empresas brasileiras no Iraque, como estradas e ferrovias. Hoje esses espaços foram ocupados por países asiáticos. Eles precisam desesperadamente do petróleo do Iraque. Nós, não. Mas isso não significa que o Brasil não deva estar atento. Há grandes investimentos sendo feitos lá. Em quatro, cinco anos, teremos um poder econômico grande. É uma boa perspectiva para o Brasil, mas seria necessário que nossos empresários visitassem o Iraque. O país está crescendo num ritmo muito bom (entre 8% e 9% ao ano). A produção de petróleo em março de 2013 foi de 3,2 milhões de barris por dia, dos quais 2,4 milhões foram exportados. Este ano, a produção já está perto de 4 milhões de barris. A economia está em plena expansão.

Neste ano há eleições importantes, como na Índia (parlamentares, este mês), Turquia (presidenciais, em agosto) e África do Sul (assembleia nacional, entre abril e junho). O próprio Iraque finalizou o pleito no último dia 30 (legislativo). De que forma o resultado das eleições nesses países interfere no Oriente Médio?

Isso fortalece a tendência democrática no Oriente Médio. Mas ainda temos problemas, a começar pela situação da Síria. Muitos dos problemas do Iraque neste momento são reflexos da Síria. Os rebeldes, que são maioria na Síria, são sunitas; no Iraque, que fica ao lado, os sunitas são minoria. Portanto, há uma tendência a uma simpatia dos sunitas da Síria pelos sunitas do Iraque. Isso complica a coisa.

Sobre a crise na Rússia, há agora uma insurgência contra a interferência norte-americana e da União Europeia. É possível um consenso?

Trata-se de uma competição que foi superada na Guerra Fria, mas que continuou em outros níveis. Isso não acabou e possivelmente nunca acabará. Há áreas de interesse para as grandes potências, e essas áreas são de risco. Ali é o quintal da antiga União Soviética. É necessário diálogo e que a Ucrânia seja respeitada. É necessário que se respeitem os interesses legítimos da Rússia. Claro que o ideal é uma solução pacífica, que a Ucrânia encontre um equilíbrio que a torne próspera como deve ser. Tanto a UE quanto a Rússia têm interesse numa Ucrânia próspera.

Um jorro de luz / Gabriel García Márquez / Dirce Waltrick do Amarante / A Luz é Como a Água / Livro / Doze Contos Peregrinos / Professora / UFSC

Um jorro de luz

A narrativa mágica de Gabriel García Márquez é um convite às crianças para conhecerem o universo da sua obra

POR DIRCE WALTRICK DO AMARANTE*

O conto *A Luz é Como a Água*, do escritor colombiano Gabriel García Márquez (1927-2014), que compõe o livro *Doze Contos Peregrinos* (1992), é um ótimo convite para os pequenos leitores se aproximarem de sua obra. O conto narra a aventura de dois meninos que, mesmo vivendo longe de águas navegáveis (“Para começar – disse a mãe –, aqui não há outras águas navegáveis além da que sai do chuveiro”), ganham um barco no Natal e partem a navegar pela casa num “jorro de luz doceada e fresca”, que feito água sai da lâmpada quebrada do lustre da sala.

Segundo Irlmaré Chiampi, uma reconstrução ficcional latino-americana entre os anos 1940 e 1955 criou a necessidade de catalogar suas tendências e encasilhá-las numa denominação que significasse “a crise do realismo que a nova narrativa potestava”. A denominação comum a esses textos seria “realismo mágico”, termo cunhado em 1949 pelo escritor cubano Alejo Carpentier. Chiampi adverte que essa é uma denominação bastante eclética para abarcar autores tão heterogêneos como Gabriel García Márquez, Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Juan Rulfo, entre outros. Em comum essas obras teriam, contudo, a mesma preocupação com a transformação do cotidiano comum em algo impressionante e irreal.

O realismo mágico não só “naturaliza o irreal”, como faz Franz Kafka, mas “sobrenaturaliza o real”, como faz García Márquez, se diferenciando portanto de seu mestre Flaubert, cujo mundo não familiar de A metamorfose teria sido sua grande influência.

Na narrativa realista-maravilhosa, como afirma Franco Moretti, “não existe sobrenatural capaz de substituir imaginariamente toda a ordem da realidade; ele a modifica em parte, mesmo que seja em grande parte”. Além disso, os fatos no realismo mágico não têm explicação racional, pensarmos a uma esfera não natural, não humana, apesar de preservarem, opina Chiampi, “algo de humano em sua existência. A extraordinariedade se constitui da frequência



ou densidade com que os fatos ou os objetos esorbitam as leis físicas e as normas humanas”. Não é sempre, diria, que utensílios domésticos voam “com suas próprias asas pelo céu da cozinha”, como se lê em *A Luz é Como a Água*.

Na narrativa maravilhosa pode-se falar ainda de uma ausência de causalidade: “não pode acontecer sem que se justifique ou se remeta ao real”, conclui Chiampi.

Em *A Luz é Como a Água*, quando os boocinhos invadem a casa dos meninos para descobrir o porquê de tanta luz, eles escotizam: “[...] a casa coberta de luz até o teto. O sofá e as poltronas formadas de pele de leopardo flutuavam na sala a diferentes alturas [...]. Os instrumentos da banda de

guerra, que os meninos usavam para dançar, flutuavam a esmo entre os peixes coloridos liberados do aquário da mãe, que eram os únicos que flutuavam vivos e felizes no vasto lago iluminado”.

Apesar de os fatos serem imprevisíveis, em momento algum os personagens se assombram ou duvidam deles, sendo essa mais uma característica do chamado realismo mágico.

O fato é que o realismo mágico se contrapõe ao “falso realismo”, pois este, esclarece Julio Cortázar, “consiste em pensar que todas as coisas podem ser descritas e explicadas, tal como isso por certo o ocinismo filosófico e científico do século XVIII, isto é, dentro de um mundo regido mais ou menos harmoniosamente

por um sistema de leis, de princípios, de relações de causa e efeito, de psicologia definidas, de geografias bem cartografadas”.

Nesse ambiente mágico e real, os meninos do conto de García Márquez, encheram de luz o apartamento dos pais e “mergulharam como tubarões mortos por baixo dos móveis e das camas, e resgataram do fundo da luz as coisas que durante anos tinham-se perdido no acurrido”.

Para as crianças, acreditar nesse mundo mágico não é difícil, pois para elas é mais importante crer no divino do que aspirar a alcançá-lo, como opina Giorgio Agamben.

* É professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Notícias do Dia Cidade

“Ganho ambiental para o Sul da Ilha”

Ganho ambiental para o Sul da Ilha / Escola Ambiental / Lagoa da Chica / Celesc / Centrais Elétricas de Santa Catarina / Fatma / Fundação Estadual do Meio Ambiente / Vazamento de óleo mineral isolante / Fundo de Bens Lesados do Ministério Público de Santa Catarina / Recuperação da área / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

Cidade

EDITOR: Rodrigo Lima | @rodriqslima@noticiasodia.com.br | @rodriqslima_ND



Na lembrança, Maicom e o filho Henrique na Lagoa que está tomada pelo mato.

Ganho ambiental para o Sul da Ilha

Vazamento de óleo. Parte da multa foi repassada para construção de escola e recuperação de danos



Espelho d'água. Foto mostra como era a Lagoa da Chica sem o matajagal

ALESSANDRA OLIVEIRA
alessandraol@noticiasodia.com.br
@NO_olive

A construção de uma escola ambiental na Tapera, e a revitalização da Lagoa da Chica, no Campeche, serão executadas com recursos provenientes da multa paga pela Celesc (Centrais Elétricas de Santa Catarina) à Fatma (Fundação Estadual do Meio Ambiente), pelo vazamento de óleo mineral isolante, em novembro de 2012, na subestação desativada da Tapera. Para a escola serão viabilizados R\$ 250 mil, e para a lagoa serão R\$ 850 mil. A compensação ambiental, no entanto, pouco ou nada significa para as mais de 80 famílias de maricultores prejudicadas pelo embargo preventivo da área que durou cinco meses e impediu a comercialização de ostras e mariscos.

Pelo vazamento do óleo, a Celesc recebeu multa de R\$ 24 milhões da Fatma. Por cumprir as exigências de recuperação e recomposição ambientais, a estatal obteve redução de 90% no valor inicial da multa (benefício permi-

tido pela legislação). O valor final, R\$ 2,4 milhões, foi dividido: metade para o Fundo de Bens Lesados do Ministério Público de Santa Catarina e outra metade para a construção da escola ambiental e a revitalização da Lagoa da Chica. No dia 30 de abril, o presidente da Celesc, Cleverton Siewert, assinou o termo de compromisso de repasse para as associações de moradores dos dois bairros beneficiados com a compensação ambiental.

O presidente da Fatma, Alexandre Waltrick, disse que a Celesc ainda não encerrou a recuperação da área onde estavam os transformadores com óleo. A empresa, com apoio da Fatma, vai monitorar o local por mais três anos. "A Celesc precisa tomar providências para evitar novos acidentes em suas subestações", alertou. Ele lembrou ainda que os laudos periciais mostraram que não havia riscos à saúde humana, nem à fauna ou à flora. "A multa foi emitida pelo vazamento de óleo mineral isolante com traços de PCB (bifenilas policloradas). Não foi encontrado arsênio em nenhuma das amostras", enfatizou.

Lagoa da Chica abandonada há mais de dez anos

Quem passa pela rua dos Pescadores, no Campeche, costuma acreditar na informação de que a Lagoa da Chica, que identifica a Lagoa da Chica. Mesmo com a sinalização é difícil acreditar que debaixo de todo o matajagal ainda exista uma reserva de água doce.

A lagoa está abandonada pelo poder público há mais de dez anos. "Era lindo aqui. Lembro-me dos peixes e da grama que se divertia na água. Eu estava sempre junto", recorda o fotógrafo Maicon Souza, 37. Com o filho Henrique, 2, no colo, Souza detalha que o assoreamento facilitou ainda mais o crescimento da vegetação e afastou os frequentadores do local, outra de lazer. "Se este espaço for

revitalizado meu filho terá a oportunidade que eu tive de brincar aqui", acredita.

Na construção de deque e calçadas e no desassoreamento da lagoa serão investidos R\$ 850 mil. O projeto, que é uma antiga reivindicação dos moradores do Campeche, prevê ainda a implantação de ciclovia, de parque infantil e de academia ao ar livre. "Também teremos uma pequena sede para receber estudantes", antecipou o vereador Wanderlei Farias (PDT). As obras começam em no máximo 30 dias e terminam em até um ano. Após a conclusão das melhorias, o local será gerenciado pela Floram (Fundação Municipal do Meio Ambiente).

Espaço para trabalhar a conscientização

Há poucos quilômetros do local onde ocorreu o vazamento será construída uma escola ambiental. O prédio com mais de 200 m² será edificado no terreno do Conselho Comunitário da Tapera da Base. "A Fatma cedeu o projeto arquitetônico e estamos em busca de empreiteira para executar a obra", disse a presidente da Associação de Moradores, Ulemury Almeida.

As paredes internas da escola serão renováveis, permitindo a transformação

do espaço em salas de aula ou auditório, para palestras e oficinas, conforme a necessidade dos estudantes. "A comunidade entende que o vazamento foi um ato de vandalismo e não vê a Celesc como culpada pelo acidente", defendeu Ulemury.

A escola será um espaço no qual se trabalhará a conscientização ambiental dos moradores. A obra, prevista para começar em até 60 dias, levará um ano para ser concluída.

BENEFÍCIO
Celesc repassou R\$ 250 mil para escola ambiental e R\$ 850 mil para revitalização da Lagoa da Chica.

Embargo provocou prejuízo aos maricultores

Até se aposentar como instrutor de operação da subestação da Celesc, em 1998, Adécio Romalino da Cunha, 61, era responsável pelo treinamento dos técnicos da empresa na Tapera. "O pessoal vinha de todo o Estado para aprender a manusear os equipamentos na subestação didática", disse.

Cunha estava familiarizado com os transformadores que foram danificados em novembro de 2012, por ladrões em busca de peças de cobre. Ao deixar o serviço público, o morador do Ribeirão da Ilha foi para a maricultura. "Nunca imaginei que o meu antigo trabalho bateria à minha porta dessa maneira. É irônico", disse, ao lamentar o embargo preventivo da Fatma entre a praia da Mutuca, na Tapera, e o Ribeirão da Ilha.

Durante cinco meses as atividades de cultivo e banho foram proibidas. "Ainda hoje, mais de um ano após a liberação da área, ainda não consegui recuperar os cabos que rebentaram por falta de manutenção durante o período de embargo", lamentou Cunha. Ele reduziu em 40% a produção de ostras e amarga mais de 70% de queda nas vendas de mexilhões.

O presidente da Amasi (Associação de Maricultores do Sul da Ilha), Claus Ferreira, perdeu sozinho mais de R\$ 30 mil durante o embargo. Os prejuízos não pararam por aí. Um ano após a liberação para as atividades no Sul da Ilha, muitos clientes ainda não voltaram. "Eu tinha clientes de porta. Meu forte era o consumidor final. Mas muita gente deixou de consumir ostras e mexilhões por medo de contaminação. As perdas estão na casa dos 50%", afirmou.

Diffícil recuperação. Adécio Cunha mostra os cabos e equipamentos danificados por falta de manutenção durante o embargo



Celesc gastou R\$ 7,9 mi para recuperar área do vazamento

De acordo com o assistente da Diretoria de Distribuição da Celesc, Pablo Cupani, a empresa despendeu R\$ 7,9 milhões para recuperar a área atingida pelo vazamento. Outros R\$ 2,5 milhões foram destinados aos maricultores e extrativistas atingidos pelo embargo. Cada um dos indenizados foi identificado pela Secretaria de Estado da Agricultura e Pesca. Mais R\$ 2,4 milhões foram destinados à multa imposta pela

Fatma. "Fizemos raspagem das laterais das valas atingidas, bem como a retirada de mais de 1.500 toneladas de solo contaminado", relatou Orlando Foes Neto, engenheiro sanitário ambiental da Celesc.

A Celesc responde judicialmente a uma ação civil pública pelo vazamento. As mais de 920 análises químicas, feitas em 150 pontos, mostraram que as baías Norte e Sul, bem como a área entre a ponte

da rodovia Açoriana e a foz do canal da Tapera, além da reserva extrativista Marinhã do Pirajubaé, não foram atingidas pelo óleo.

A área total da área da subestação é de 47 hectares. O terreno foi repassado pela Celesc ao governo do Estado, que depois passou à UFSC. Em março de 2014, nove hectares foram desmembrados pela UFSC e voltaram para o governo para monitoramento ambiental da Celesc.

ENTENDA O CASO

Vazamento de óleo na Tapera

16 de novembro de 2012

Vigilantes emitem primeiros alertas de vazamento de óleo no antigo centro de treinamento da Celesc, na Tapera. A subestação didática foi desativada em junho de 2011.

19 de dezembro

Vazamento é detectado oficialmente. Os mais de 11.640 litros de óleo escorreram para duas valas de drenagem a Leste e a Oeste da subestação. O líquido desceu pelo mangue e chegou ao rio do Meio, que tem sua foz na baía Sul, na praia da Mutuca, na Tapera.

14 de janeiro de 2013

Fatma embarga preventivamente 730 hectares de área de produção, entre a praia da Mutuca e a Freguesia do Ribeirão da Ilha.

30 de janeiro

Celesc assume na Justiça Federal a responsabilidade pelo vazamento.

8 de abril

Cetesp (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo), por ordem da Justiça Federal, vistoria área e considera satisfatórias as medidas tomadas pela Celesc para mitigar os impactos ambientais na área atingida.

15 de abril

Fatma libera aos maricultores e banhistas 92% da área supostamente atingida pelo vazamento de óleo isolando para transformadores. O desembargo foi emitido após análises laboratoriais de água, sedimentos e moluscos que descartaram riscos à saúde humana.

Abril a ago. 2013

Celesc executou o Prad (plano de recuperação de área degradada). Ações imediatas de retirada de óleo, isolamento do local foram realizadas pela estatal.

25 de março de 2014

Justiça Federal dá 30 dias para considerações finais das partes envolvidas na ação civil pública: UFSC, ICMBio e Fatma. O processo está em fase de execução de sentença.

Maio de 2014

Pelo menos 8% da área permanece embargada pela Fatma. Análises serão feitas durante os próximos três anos.

Diário Catarinense
Variedades
"Lista de convidados"

Lista de convidados / Filmes / Mostra de Longas / 18º Florianópolis Audiovisual Mercosul / FAM / Centro de Cultura e Eventos da UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

|FAM|

Lista de convidados

Divulgados os nove filmes que compõem a Mostra de Longas do 18º Florianópolis Audiovisual, que ocorre entre os dias 23 e 30

A cena brega do Recife em *Amor, Plástico e Barulho*, de Renata Pinheiro, é o pano de fundo do filme de abertura da Mostra de Longas do 18º Florianópolis Audiovisual Mercosul (FAM), que será realizado no Centro de Cultura e Eventos da UFSC, entre os dias 23 e 30. Ao todo serão exibidos nove produções convidadas: três brasileiras, três argentinas, um paraguaio, um chileno e uma parceria Uruguai-Portugal.

Além dos longas, o festival conta ainda com quatro mostras competitivas. A Curtas Mercosul tem o maior número de selecionados: 18 no total, com representantes do Brasil, Argentina, Colômbia e Venezuela. A DOC-FAM, dedicada aos documentários, conta com sete produções, entre elas duas estrangeiras (*Chile e Venezuela*) e duas convidadas: *Cleber e a Mãezinha*, de Rosana Cacciatore, e *O Fim do Esquecimento*, de Renato Tapajós. As mostras Catarinense e Infantojuvenil, com nove selecionados e um convidado cada, completam o quadro.

Grade de exibição dos longas

DIA 23 (SEXTA)
21h: *Amor, Plástico e Barulho*
DIA 24 (SÁBADO)
21h: *Matar a um Homem*
DIA 25 (DOMINGO)
21h: *El Mantó de Hiel*
DIA 26 (SEGUNDA)
21h: *Rincón de Darwin*
DIA 27 (TERÇA)
21h: *La Paz*
DIA 28 (QUARTA)
21h: *A Oeste do Fim do Mundo*
DIA 29 (QUINTA)
21h: *7 Caixas*
DIA 30 (SEXTA)
19h: *Cidade de Deus - 10 Anos Depois*
21h30min: *Riocorrente*

AMOR, PLÁSTICO E BARULHO

Depois de vários projetos multimídia, curtas e documentários, o primeiro longa de ficção da diretora Renata Pinheiro estreou internacionalmente mês passado no prestigiado festival português Indie Lisboa, voltado ao cinema contemporâneo. A história se desenvolve no ambiente sensual, colorido e periférico da música brega do Recife, a partir de duas cantoras/dançarinas e suas ambições e conflitos: a veterana Jaqueline (Maev Jinkings, atriz de *O Som ao Redor*) e a iniciante ascendente Shelly (Nash Laila). As duas mulheres buscam pela fama numa cidade que vive um boom desenvolvimentista e, ao mesmo tempo, sufoca o passado.



ANTONIO MELCOR, DIVULGAÇÃO

AMATAS A UN HOMBRE

Com roteiro e direção de Alejandro Fernández Almendras, o filme chileno narra a história de Jorge, um pai de família que é assaltado por um conhecido ladrão de baixo ao voltar do trabalho para casa. Seu filho decide encarar o criminoso, tentando recuperar o roubo, mas é gravemente ferido. O bandido é condenado a uma pena muito pequena e, ao sair da prisão, começa a ameaçar e assediar a família de Jorge, sem que a polícia tome alguma medida. Baseado em uma história real, narra a tensão crescente entre um delinquente e seu vizinho, um trabalhador humilde e honrado que se vê envolto em uma situação insustentável.

PRODUCCIONES EL GRITO, DIVULGAÇÃO



EL MANTO DE HIEL

O longa estreou em março no festival Pantalla Pinamar, na Argentina. Foi rodado no deserto andino da província de San Juan, e as locações incluíram uma mina abandonada. Na história, do gênero fantástico, um homem da cidade acidentalmente chega num povoado perdido no deserto, onde estranhos eventos climáticos acontecem. O vilarejo é habitado por uma população envelhecida, incluindo uma mulher que espera há 40 anos o retorno do marido. Este é o terceiro longa de Gustavo Corrado como diretor e roteirista.

TRANSPARENT FILMS, DIVULGAÇÃO



RINCÓN DE DARWIN

O primeiro longa do diretor uruguaio Diego Fernández é uma produção entre Portugal e Uruguai de 2013 que conta a história de Gastón, um jovem que trabalha com computação e não consegue esquecer sua ex-namorada. Ele herda uma casa e viaja para vê-la com Américo (escrivão um pouco deprimido por estar envelhecendo). Eles contam com o serviço de Beto e sua velha caminhonete. A região onde o imóvel está localizado recebeu a visita de Darwin em 1833. Daí vem o nome do filme. É e nessa paisagem que se desenvolvem os conflitos pessoais dos três.

LA PAZ

Produção argentina de 2013 dirigida por Santiago Loza, *La Paz* conta a história de Liso (Lisandro Rodríguez), que acaba de sair de um hospital psiquiátrico e vai morar com os pais. Infantilizado pela família, ele tenta retomar a vida, recuperar contatos, mas nada parece dar certo. Sua principal companhia passa a ser Sonia (Fidelia Batallanos Michel), empregada boliviana com quem inicia uma afetuosa relação.



MANEGLIA SCHEMBORI, DIVULGAÇÃO

A OESTE DO FIM DO MUNDO

Um velho posto de gasolina perdido na imensidão da antiga Estrada Transcontinental é o refúgio do introspectivo Leon (César Troncoso). De poucas palavras, gestos e nenhum amigo, sua solidão só é quebrada por um ou outro caminhoneiro eventual que passa por ali para abastecer ou pelas visitas sempre bem-humoradas do sarcástico Silas (Nelson Diriz), um motociclista com ares de hippie aposentado. O tempo passa devagar nas margens da velha estrada. Até o dia em que a enigmática e inesperada chegada de Ana (Fernanda Moro) transforma radicalmente o cotidiano de Leon e Silas. Aos pés da imponente Cordilheira dos Andes, segredos que pareciam estar bem enterrados vêm à tona, reabrindo antigas feridas e mudando para sempre a vida dos protagonistas.

7 CAIXAS

O thriller de ação de 2012 é dirigido por Juan Carlos Maneglia e Tana Schémbori. Victor, de 17 anos, aceita transportar sete caixas com um conteúdo desconhecido no famoso Mercado 4, em Assunção, em troca de US\$ 100. Ele quer comprar um celular, por isso aceita a incumbência, que a princípio seria fácil, mas se complica no percurso. É um dos 25 longas produzidos no Paraguai até hoje e foi um grande sucesso de bilheteria no país, com 350 mil espectadores. Desde o lançamento, já teve uma longa carreira internacional, iniciando no Toronto International Film Festival, no Canadá, ganhando 30 prêmios estrangeiros.

CAVIDEO, DIVULGAÇÃO



CIDADE DE DEUS - 10 ANOS DEPOIS

Cavi Borges, cineasta homenageado do FAM deste ano, traz *Cidade de Deus - 10 Anos Depois*, para encerrar o festival. O documentário retrata as transformações vividas pelos atores desde o lançamento do longa de ficção *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, em 2002. Entre os entrevistados estão Douglas Silva (o fotógrafo no filme) e Alice Braga (a menina que visitava a comunidade). Ele estreou em março no Festival de Cinema de Nova York e vai passar pelos principais festivais brasileiros ao longo deste ano.

RIOCORRENTE

É o primeiro longa de ficção de Paulo Sacramento, lançado 10 anos após o premiado documentário *O Prisioneiro da Grade de Ferro*, rodado no presídio Carandiru. O filme tem um tom documental, roteiro do próprio Sacramento e grande impacto visual e sonoro para fazer jus ao cotidiano vertiginoso de São Paulo, onde se passa a história. Envolve um triângulo amoroso entre Renata (Simone Liescu), personagem da qual pouco se sabe, o jornalista Marcelo (Roberto Audio) e o ladrão de carros Carlos (Lee Taylor). Dois lados desse triângulo não se conhecem. Há também o menino de rua Exu (Vinícius dos Anjos), adotado informalmente por Carlos.



CALIFORNIA FILMES, DIVULGAÇÃO

Notícias do Dia

Plural

“O fim do circuito”

O fim do circuito / Teatro da UFSC / Espetáculo / O Olho Azul da Falecida / Dramaturgia Inglesa / Loot / Joe Orton / Adaptação / Teatro Sim...Por que Não!?! / Universidade Federal de Santa Catarina

O fim do *circuito*

Igrejinha. Teatro Sim encerra temporada de peça do inglês Joe Orton no bairro Trindade

O grupo Teatro Sim... Por que Não!?! está finalizando a temporada de “O Olho Azul da Falecida”, do dramaturgo inglês Joe Orton, no Teatro da UFSC (Igrejinha), em Florianópolis. A peça será apresentada neste sábado e domingo, dias 10 e 11, no horário das 20h30.

Sob a direção da paulista Neide Veneziano (que já dirigiu o grupo em “E o céu uniu dois corações” em 2005, “O Olho” é 13º espetáculo da trupe que completou em fevereiro deste ano a marca de 28 anos de estrada. A escolha do texto de Orton foi mais um desafio do grupo que mergulhou no humor negro inglês dos anos 60 para emergir com leveza nos problemas do Brasil de 2014.

Na história deste “saque” a uma falecida mãe e patroa (o título original em inglês é “Loot”), o grupo catariense leva ao palco seis personagens por meio dos atores Nazareno Pereira como investigador Truscott; Ana Pau-

la Possapp como a enfermeira Fay; Gabriel do Nascimento como Hal; Ismar Medeiros como o viúvo Mcleavy; Valdir Silva como Meadows e Sérgio Candido como Dennis. Nesta recriação de Veneziano, Julio Maurício é o diretor assistente, José Dias assina a cenografia, Luiz Fernando Pereira, os figurinos, a trilha sonora é de Nívio Mota e Domingos Quintiliano responde pela iluminação.

Como explica Nazareno Pereira, a escolha pelo texto de Orton se deve à “dramaturgia irônica e crítica do comportamento da sociedade inglesa nos anos 60, que, sem dúvida, espelha o atual contexto social e político do nosso país”. De acordo com ele, “através do riso, da ironia e do deboche, com esta comédia tentamos repensar as relações corruptas impregnadas em todas as esferas da nossa sociedade”. O projeto foi contemplado com o Prêmio Elisabete Anderle/2013.



LEVEZA

Humor negro dos anos 60 foi usado para mostrar os problemas do Brasil de hoje

Notícias do Dia

Carlos Damião

“Dica teatral”

Dica teatral / Teatro da UFSC / Espetáculo / O Olho Azul da Falecida / Dramaturgia Inglesa / Joe Orton / Adaptação / Teatro Sim...Por que Não!?! / Universidade Federal de Santa Catarina

Dica teatral

Uma ótima dica de teatro local para o fim de semana: “O Olho Azul da Falecida”, montagem do grupo Teatro Sim... Por Que Não?!, no Teatro da UFSC (Igrejinha), às 20h30, tanto no sábado, quanto no domingo. O texto é do inglês Joe Orton, autor da frase “todas as classes são criminosas hoje em dia. Vivemos em fase de igualdade”.

Diário Catarinense

Cacau Menezes

“Matagal na UFSC”

Matagal na UFSC / Projeto paisagismo do campus / Burle Marx / Comcap / Prefeitura da UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

Matagal na UFSC

Talvez para compensar o desmatamento na Amazônia, cresce bastante o mato em todo o campus da UFSC, em Florianópolis. Vale lembrar que o projeto paisagístico do campus é de ninguém menos do que Burle Marx. Comenta-se entre a comunidade acadêmica que o convênio com a Comcap não teria dado certo e a prefeitura da universidade já não tem mais a equipe que fazia o serviço. Mas há quem não estranhe, afinal, o meio ambiente local – dizem – tem tudo a ver com a atual situação da UFSC, onde se ouvem cobras e lagartos. Até em reunião de direção.

Diário Catarinense

Moacir Pereira

“Novo prefeito”

Novo prefeito / Formado pela UFSC / Engenheiro / Professor da USP / Universidade de São Paulo / Arlindo Philippi

Novo prefeito

Engenheiro catarinense Arlindo Philippi, formado pela UFSC e professor titular da Universidade de São Paulo (USP), continua fazendo sucesso na área acadêmica. Depois de ocupar cargo de pró-reitor da USP, agora foi nomeado prefeito da universidade. O campus conta com 85 mil alunos, 6 mil professores e 17 mil funcionários.

Pelo direito de fazer um parto humanizado / Cesariana / Parto normal / Organização Mundial da Saúde / OMS / Professora da UFSC / Evanguelia Kotzias dos Santos / Universidade Federal de Santa Catarina

4

DIÁRIO CATARINENSE, DOMINGO, 11 DE MAIO DE 2014

Reportagem Especial



Reportagem
sugerida por Anelise
Corrêa Wendhausen
Claudino dos Santos
De Loges, na Serra,
mãe de Antônio

PARLO GOMES

Pelo direito de fazer um parto humanizado

Na contramão da tendência que mantém o Brasil como um dos campeões mundiais em número de cesáreas, mulheres procuram os direitos de terem os filhos em meios naturais. Escolhem ter seus bebês em casa, a fim de evitar sofrimento nos primeiros minutos de vida



Por falta de incentivo médico, Pamela não pôde ter o filho em casa como sonhava

ISSUE/OTERVA

MÔNICA FOLTRAN

O sonho de ser mãe não foi algo simples de realizar. Pamela Raquel Nepomuceno teve dois abortos espontâneos devido a problemas de saúde. No primeiro, viu o bebê nascer morto em um vaso sanitário da maternidade, em Itajaí, no oitavo mês de gestação.

A traumática experiência a levou a mergulhar no assunto. Após ler, pesquisar e consultar especialistas decidiu que tentaria novamente e teria o bebê em casa, onde se sentia segura – Pamela queria um parto humanizado e tranquilo, sem sofrimento para o bebê.

No dia em que completava seis anos da

primeira experiência malsucedida, Pamela estava em trabalho de parto novamente, mas não em casa como gostaria e sim em uma sala cirúrgica, em uma maternidade pública de Florianópolis. Por questões financeiras não pôde ter um parto humanizado como planejava.

Planos tiveram de ser readequados

Foi para o hospital, e lá, após mais de horas de contrações e dilatações, afirma não ter sido incentivada pela médica de plantão.

– De frente para mim ela disse: Ele está em sofrimento fetal, mas a decisão é tua... Ele pode morrer – lembra a mãe de primeira viagem.

Pamela não demorou para deixar os planos de parto normal de lado e decidir pela cesárea. Ela não colocaria a vida do bebê em risco, em hipótese alguma. Na sala cirúrgica, fez questão de pedir aos médicos que não cortassem o cordão umbilical enquanto ainda pulsava sangue para o bebê. Pedeu também que não colocassem colírio nos olhos dele e que não dessem banho.

– Eles não esperaram e cortaram o cordão. O colírio eles não colocaram, sei que só é necessário em partos normais quando a mãe tem doenças como gonorréia ou candidíase, eu também não queria que dessem banho, pois de acordo com estudos, o bebê nasce com aquele branquinho (vêrnix, um material gorduroso branco encontrado sobre a pele do bebê logo após o nascimento) que serve para amenizar a brusca troca de

temperatura de dentro do corpo da mãe para o exterior. Eles não deram o banho, conforme pedi.

Mesmo seguindo alguns pedidos de Pamela, ela não se sentiu segura com a cesárea. Alega que foi um sofrimento em vão para seu bebê.

– O pior de tudo foi quando soube que ele não estava em sofrimento fetal. Ele nasceu com nota 9 no primeiro minuto e 10 nos próximos cinco, no teste de APGAR, que serve para avaliar a saúde dos recém-nascidos. Ele estava muito bem e eu poderia ter tido um parto normal. Foi traumático. Estava sendo costurada e brigava com a pediatra para não colocar o colírio no meu filho. Me senti violentada – define Pamela.

monica.foltran@diario.com.br

Números preocupam a OMS

A experiência de Pamela não é diferente do que ocorre com grande parte das gestantes no Brasil. Uma pesquisa feita pela Fiocruz, de 2008, acompanhou 437 mães que deram à luz no Rio de Janeiro na saúde suplementar. Embora 70% das entrevistadas não relacionassem preferência inicial pela cesariana, 90% apresentaram esse tipo de parto.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda que apenas 15% dos partos sejam cesáreos. No Brasil, o Ministério da Saúde aponta que em 2013 41,98% dos partos realizados nas unidades públicas foram cesarianas.

Segundo a coordenadora da Rede Cegonha no Estado, Carmem Regina Delziovo, os dados já são considerados epidêmicos e estão aquém das expectativas recomendadas pela OMS e aplicadas nos demais países, o que torna o Brasil recordista em partos cesáreos. O relatório global do UNICEF (Situação Mundial da Infância 2011) mostrou que a taxa de cesárea no Brasil era a maior do mundo, de 44%.

Em 2011 o Governo mostrou preocupação com estes dados ao lançar a Rede Cegonha, com a meta de incentivar o parto normal humanizado e intensificar a assistência à saúde de mulheres e crianças.

Com modelo em experiências positivas desenvolvidas em países como Holanda, França e Inglaterra foram criados os Centros de Parto Normal – estruturas que funcionam em conjunto com a maternidade para humanizar o parto, oferecendo às gestantes um ambiente com maior privacidade. A unidade proporciona que as mães sejam, efetivamente, as protagonistas do próprio parto e que haja menos intervenções médicas.

O programa chegou a Santa Catarina no fim de 2012, Carmem Regina explica que para mudar a realidade que as estatísticas mostram, o Estado paga um valor maior ao médico que realiza um parto normal na rede pública.

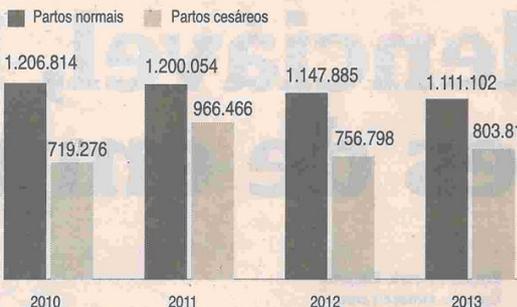
Apesar do incentivo, ela explica que facilidades como ter uma data e uma hora marcada para o nascimento e também o tempo de ocupação do leito são fatores que pesam na escolha do médico pela cesárea. A falta de informação das gestantes também contribuem para o alto número de partos cirúrgicos.

– Não é culpa de ninguém, é um processo que foi criado. Hoje a mulher faz um pré-natal e não há uma orientação para que ela decida pelo parto normal. Ela tem tempo para se preparar e se sentir segura. A gente tem que desaprender e entender que quem faz o bebê nascer é a mãe e não o médico – avalia Carmem.

CESARIANA OU PARTO NORMAL?

DADOS NACIONAIS

Partos - No Sistema Único de Saúde (SUS), os partos normais corresponderam, em 2013, a aproximadamente 58% dos partos realizados no SUS, enquanto 41,9% são de cesarianas. Abaixo o número de procedimentos realizados no Brasil:



MÉDIA DE PARTOS

Dados de Santa Catarina rede pública e privada relativo aos anos de 2010 a 2012

PARTOS NORMAIS



PARTOS CESÁREOS



MÉDIA DE PARTOS REALIZADOS NAS PRINCIPAIS CIDADES DE SC (%)

Partos normais Partos cesáreos

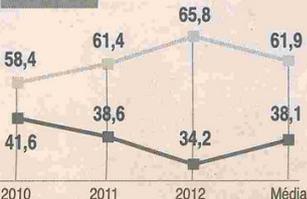
BLUMENAU



CRICIÚMA



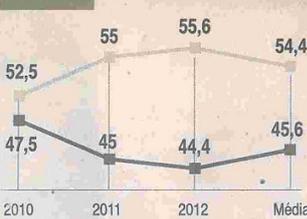
CHAPECÓ



FLORIANÓPOLIS



JOINVILLE



LAGES



PARTOS CESÁREOS ENTRE 2010 E 2012 (%)

Partos normais Partos cesáreos



Parteiras voltam a ter espaço no mercado

A enfermeira obstétrica e professora de pós-graduação da UFSC, Evanguelia Kotziás dos Santos, observa também que os partos normais realizados nos hospitais já não são tão naturais como deveriam ser. Para ela o objetivo do parto é promover o mínimo possível de intervenção.

– A mulher é medicada com um hormônio sintético (ocitocina), que apressa o trabalho de parto e pode trazer riscos para o bebê, além do corte vaginal que é feito – cita.

Evanguelia lembra ainda quando era enfermeira na maternidade Carmela Dutra, em Florianópolis e chegou a lei proibindo a ação das parteiras. Na época, eram 10. A mulher só era encaminhada ao médico quando acontecia alguma complicação. Com o tempo o serviço foi ficando cada vez mais mecanizado.

– A mulher tem que ser respeitada. A equipe deve apenas monitorar e intervir quando precisar. O problema é que fazemos a intervenção sempre, como se fosse um padrão e pecamos pelo excesso-relata a enfermeira.

Na contramão desta prática, ela afirma que a opção das mulheres pelo parto humanizado – quando elas escolhem onde vão ter os seus bebês em um trabalho de parto que pode durar 14 horas e é sempre acompanhado por uma equipe – tem aumentado. A enfermeira Vânia Sorgatto Collaço explica que a maioria das mulheres opta por ter o bebê em casa e imersas em água.

– A água ajuda a aliviar a dor, relaxa e diminui as sensações da contração. Monitoramos os batimentos cardíacos e auxiliamos com métodos naturais na redução da dor.

Segundo levantamento da equipe de enfermeiras Hanami, apenas 8% dos casos de parto humanizado são encaminhados ao hospital, quando se percebe que não se está evoluindo.



CARMEM REGINA DELZIOVO
Coordenadora da Rede Cegonha em SC

O alto número de cesáreas não é culpa de ninguém, é um processo que foi criado. Hoje a mulher faz um pré-natal e não há uma orientação para que ela faça parto normal.

Sem economizar em inovação e capital humano / Entrevista / Lucia Dellagnelo / Graduação em Psicologia na UFSC / Secretária de Desenvolvimento Econômico Sustentável de Santa Catarina / Universidade Federal de Santa Catarina

26 DIÁRIO CATARINENSE, DOMINGO, 11 DE MAIO DE 2014

Estela BENETTI

diario.com.br
Quir mais informações?
Acesse www.diario.com.br/estela
e acompanhe as notícias de economia.

(48) 3216-3557
ebenetti@diario.com.br

Sem economizar em inovação e capital humano



“
Se fosse escolher hoje um Estado para dar o salto da economia internacional, esse Estado seria Santa Catarina

Como estão outros programas da pasta?
Lucia – Os microempreendedores individuais estão sendo contemplados com o programa Nova Economia e têm acesso ao Juro Zero, há os projetos de Economia Verde e de Polos Industriais. Neste último, 2,4 mil empresas tiveram diagnóstico do Sebrae e 50 terão apoio para se internacionalizar.

E para médias e grandes empresas?
Lucia – Um dos grandes obstáculos é a carência de infraestrutura de transporte, gás natural e energia. Para atender a maioria dessas demandas de investimentos é necessário articulação de governos com o setor privado.

Desenvolvimento social

Graduada em Psicologia na UFSC, com mestrado em educação internacional e doutorado na área de desenvolvimento social, ambos em Harvard, Lucia colocou em prática esse conhecimento. Há 10 anos fundou o Instituto Comunitário Grande Florianópolis (ICom), voltado ao investimento social, que já é referência no Brasil e exterior.



Orgulho de mãe

Casada com o executivo internacional e empresário Guido Dellagnelo (D), Lucia é mãe de Pedro (E) e Gabriel (G). Este Dia das Mães é especial para a secretária. Está feliz porque Pedro acaba de ser aceite para o MBA da Universidade de Stanford. Guido foi presidente de empresas na Alemanha e Itália. Hoje é sócio da Gtt, que fornece tecnologia para logística.

Primeria mulher a assumir a pasta de Desenvolvimento Econômico Sustentável do Estado, Lucia Dellagnelo está à frente de projetos que visam dar uma virada na economia catarinense rumo à maior competitividade global, mas em sintonia com a preservação do meio ambiente. Graduada pela UFSC com mestrado e doutorado pela Universidade de Harvard, ela afirma que investir em capital humano é fundamental para SC alcançar esse novo patamar.

A secretária de Desenvolvimento Econômico de SC, que antes era de Indústria, Comércio e Turismo, nunca teve à frente uma mulher. Como pioneira, que legado quer deixar?
Lucia Dellagnelo – Pela minha formação e experiência, o legado que eu gostaria de deixar é o desenvolvimento econômico associado ao desenvolvimento social e ambiental. A preservação dos recursos naturais e a qualidade do capital humano são diferenciais no mundo. O nosso capital humano já é o melhor do Brasil, mas ainda não está em condições de competir em nível internacional. A minha visão de desenvolvimento econômico é investir em educação e tecnologias que permitam produzir mais e melhor, mas preservando os recursos naturais.

O que pesou na escolha do seu nome?
Lucia – Acredito que duas coisas me ajudaram a chegar nessa posição. Uma foi o fato de eu ter investido na minha formação. A outra foi ter este foco de gestão e resultado. Sou uma pessoa extremamente focada em resultado, isso transpareceu no meu trabalho e chamou a atenção do governador Raimundo Colombo e do secretário Paulo Boenhausen (então titular da pasta) para me indicarem ao cargo.

O que o Estado precisa fazer para ter profissionais mais qualificados?
Lucia – Primeiro, estabelecer os patamares internacionais de competência. O professor Gertie Carlson, do Vale do Silício, que fez palestra aqui, disse que não existe

maia local e global. O produto tem que ter o melhor nível, porque mesmo sendo vendido só no mercado local vai estar competindo com produtos de classe internacional. O Estado está bem posicionado para dar esse salto porque temos um nível de educação relativamente bom em relação ao Brasil. Se fosse escolher hoje um Estado brasileiro para dar o salto da economia internacional, esse Estado seria Santa Catarina.

Como atingir esse novo patamar?
Lucia – Primeiro é inovar na educação e atrair o jovem de volta para a escola. É um absurdo que, em plena sociedade do conhecimento, os jovens estejam deixando a escola para trabalhar. Estamos fazendo uma parceria pioneira com a secretária de Estado da Educação para unir ciência, tecnologia e inovação com o sistema escolar. Empresas de tecnologia estão elaborando produtos que, se tiverem êxito, serão comprados para as escolas públicas. O governador abraçou essa ideia de inovação na educação.

A secretária está implantando 12 centros de inovação. Qual é o impacto esperado na economia?
Lucia – Os centros de inovação serão polos irradiadores para todo o Estado. Vão democratizar o acesso a novas tecnologias e inovações à pequena empresa do interior. Acredito que eles farão uma grande diferença para o desenvolvimento econômico quando estiverem funcionando plenamente, unindo universidades, empresas e governos locais.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.